

ÁRABE - Língua semítica falada pelos árabes e principal língua do islamismo. Idioma oficial do Corão. Língua litúrgica dos cristãos orientais do rito bizantino, copta, sírio, maronita e melquita da Síria e do Egito. Pertencem ao tempo bíblico certas inscrições arábicas do norte e do sul, encontradas em Saba. O conhecimento do árabe é importante para o estudo das línguas semíticas antigas. As traduções arábicas tardias da Bíblia foram redigidas na língua literária. O árabe funciona como uma espécie de esperanto religioso e cultural e constitui o único sinal sacramental de coesão entre todos os povos muçulmanos. Segundo a teologia clássica do Islã, o texto árabe do Qur'ân é a palavra incriada de Deus. Por isso sua recitação pode ser considerada uma forma de entrar em comunhão, em certo sentido, com o mistério da palavra divina.

ARABES - A Bíblia não conhece "árabes" no sentido atual do termo. Os habitantes da Arábia são chamados ismaelitas, joctanitas e ceteros, fraccionando-os nas tribos de Cedar, Dedan, Ofir, Saba, etc. (Gn 10,26-30; 25,1-4.12-16). A denominação "árabes" teve originariamente no hebraico ("arabi") o sentido genérico de nômade (Js 13,20; Jr 3,2). Indicava os nômades do deserto sírio-arábico (1Rs 10,15). Nos escritos posteriores do Antigo Testamento (Neemias e Crônicas), a denominação aparece frequentemente significando os habitantes da província persa da Arábia. Para o Novo Testamento, os habitantes do reino dos Nabateus são árabes (At 2,11). Em São Paulo, o deserto a leste da Palestina é chamado Arábia (Gl 1,17; 4,25). Este reino, em 150 d.C., tornou-se província romana da Arábia. O deus Astar, companheiro de Astarte, era venerado pelos árabes do norte e do sul. Entre os antigos árabes adorava-se certo deus El. Nomes próprios como "Ilah é o justo, é senhor", comprovam o caráter moral amável e glorioso dessa divindade antíquíssima. Entre os árabes predominava o culto à Tríade divina: o deus solar, a deusa lunar e a estrela Vênus. A Arábia do Sul reuniu-se debaixo do mesmo cetro por volta do ano 300 a.C. O reino Hadramante até então independente foi anexado ao grande reino sob Shammar Yuhar'ixe III que se proclamou rei de Sabá, Dhu Raidá, Hadramante e Yananat. O crescimento e a florescência dos reinos sul-arábicos deveram-se ao comércio por caravanas com a Mesopotâmia e o Egito. A religião dos reinos sul-arábicos teve colorido fortemente astral. Ocupava o primeiro plano a veneração do deus lunar, deus oficial do Estado, com vários nomes: Em Sabá era Almaqab; em Mar'in e Alsá, Nadd; em Hadra Mante, Sin; Ienqatabá, Anm. A seu lado era cultuado o planeta Vênus sob o nome de Astar. O sol (Shams) era venerado como deusa. Além desses, havia numerosas outras divindades, sendo algumas de importância local, outras para determinados clãs ou famílias. Não raro todos os deuses do panteão eram invocados, conjuntamente como se lê numa inscrição Minéia. Admitem-se também deuses estrangeiros. Em todas as circunstâncias invocam seus deuses, colocando-se tudo sob a sua proteção. A vida dos antigos povos sul-arábicos tinha caráter nitidamente teocrático. Em suas cidades o templo ocupava lugar importante. Muitos possuíam o seu átrio. No templo Awvam, atualmente chamado de Haram Balcs, perto de Marib, foi descoberto um tanque de bronze que lembra o "mar de metal fundido" do templo de Salomão (1Rs 7,23). Os sacerdotes entre o sul-arábicos eram divididos em diversas classes. Em Dedá um grupo trazia o nome de Lawa e Lawi'atu. O terreno do templo era sacrossanto e servia de asilo. As tribos árabes relacionavam-se frequentemente com hebreus (Gn 37,29; Jz 6 e 8). Salomão negociou com eles ouro, prata e especiarias (2Cr 21,16). O rei Osias expulsou-os do país, pois, antes, durante o reinado de Jorão eles saquearam a cidade de Jerusalém (2Cr 21,16; 26,7). O profeta Isafas dirigiu um oráculo contra as tribos árabes vítimas de uma invasão que não pode vir senão do norte (21,13-17). Iahweh ordena Jeremias a que faça beber da taça do vinho da cólera a todos os reis da Arábia que habitam no deserto (25,24). Ambos estes profetas ilustram sua linguagem com a referência ao árabe nômade (Js 13,20; Jr 3,2). Por vezes os árabes são designados como Nabateus (1Mc 5,25). Jônatas Macabeu manteve amizade com eles, após violento encontro (1Mc 9,35; 2Mc 5,11s). Mas Judas Macabeu teve de enfrentá-los porque os Sírios os haviam contratado para combatê-lo (1Mc 5,39). Na enumeração dos povos do mundo mediterrâneo, presentes ao Pentecostes cristão, Lucas co-

loca também os arabs (At 2,11). Paulo de Tarso em atividade missionária Paulo dirigiu-se à Arábia (Gl 1,17). Trata-se do reino dos Nabateus ao sul de Damasco, para onde ele fugiu quando precisou escapar das mãos de Aretas (2Cor 11,3). Veja também: ARÁ-

ARÁBIA - Península ocidental, situada ao sul da Ásia. Limita-se ao oriente com o golfo Pérsico e o golfo de Omã; ao sul com o oceano Índico; e ao ocidente com mar Vermelho. No lado norte abre-se em forma triangular e passa insensivelmente para o deserto da Síria. Tem: 775 km, do norte ao sul, e 1.480 na sua maior largura, de este a oeste, com uma área de 2.107.150 km². A Arábia atravessa a enorme região do deserto que começa perto do oceano Atlântico com o Saara, estendendo-se pela Tartária chinesa até quase o oceano Pacífico. A Arábia é, pois, um grande deserto. Os hebreus denominavam árabes os habitantes da parte deserta, mesmo a que se aproximava da Babilônia e da Etiópia (Jr 3,2), para distingui-los das tribos estabelecidas naquela região (Is 18,20; 2Cr 21,16; Jr 25,24; Es 27,21). Eventualmente a palavra Arábia se emprega para representar a península inteira (At 2,11; Gl 1,17; 4,25; Comp. 2Cr 9,14). Ptolomeu, geógrafo de Alexandria, que escreveu no século II da era cristã, dividiu a região em três partes: Arábia Félix (Feliz ou Fértil), Arábia Pétria (pedregosa) e Arábia Deserta. A península foi ocupada pelos semitas (Gn 10,26-29; 25,2-4.13-15) e parcialmente pelos filhos de Cam, bem caracterizados pelos seus traços fisionômicos e linguagem peculiar (Gn 10,6-7). As tribos árabes se relacionavam frequentemente com os hebreus (Gn 37,29-36; Jz cap. 6-8). Salomão negociou com elas ouro, prata e especiarias (1Cr 9,14). Jozafá recebeu tributos em gados e ovelhas (2Cr 17,11). No relato de Jorão, os árabes com outros saltadores saquearam Jerusalém (2Cr 21,16); o rei Osias expulsou-o do país (2Cr 26,7). Isafas e Jeremias vaticinaram contra a raça árabe (Is 21,13-17; Jr 25,24) e ambos estes profetas ilustraram a sua linguagem poética com o nome do árabe nômade (Is 13,20; Jr 3,2). Os árabes se aligaram aos sírios para combater contra Judas Macabeu (1Mc 5,39). Entre as multidões que enchiam a cidade de Jerusalém no dia de Pentecostes encontraram-se representantes desta raça (At 2,11). São Paulo demorou-se na Arábia antes de iniciar sua missão apostólica (Gl 1,17). O cristianismo e o judaísmo deitaram suas raízes na Arábia. No século VII da era cristã, apareceu Maomé, cuja doutrina dominou em toda a península até a sua morte em 632. Um século mais adiante, os sarracenos irromperam dali, ameaçando a civilização de todo o mundo cristão e a sua fé. No séculos VI e VII havia numerosa população judaica em Hedjaz e particularmente em Medina e adjacências. De acordo com a tradição judaica local, o judaísmo se espalhou de Medina para o sul. Existiam, também, comunidades judaicas menores em Bahrein, em Makna no golfo da Arábia e em Adhrub, entre Maan e Petra e, mais tarde, ao norte de Jarba. Por ocasião do surgimento do Islã, esses judeus e os do Iêmen puderam sobreviver pagando taxas especiais, mas os do Hedjaz, em sua maioria, expulsaram os aniquilados. Desde então os judeus da Arábia se concentraram quase completamente, no Iêmen, Hadra-maut e Áden. Os primeiros judeus do norte da Arábia em particular, embora vivendo em comunidades isoladas, tornaram-se fortemente assimilados a seus vizinhos árabes não apenas no que diz respeito à língua e cultura, como também nos modos e costumes, organização social e mentalidade. Os versos árabes, compostos por seus poetas, pouco se diferenciam, sob qualquer aspecto, da poesia árabe em geral e exprimem as noções contemporâneas, os pontos de vista e o sentimento da sociedade árabe. A grande maioria dos judeus da Arábia emigrou recentemente para Israel. Veja também: ARABES.

ARÁBIA SAUDITA - Nome completo: Reino da Arábia Saudita. Denominação oficial: Al-Mamlaka Al-'Arabiya As-Sa'udiya. Área: 2.240.000 km². População: 14.435.000 (est. 1989). Capital: Riad (capital real) e Jida (capital administrativa). A Arábia Saudita faz fronteira ao norte com a Jordânia, Iraque e Kuwait, a leste com o golfo Pérsico, Catar e os Emirados Árabes Unidos e o sultonato de Omã, ao sul com o Iêmen do sul, e a oeste com o mar Vermelho e o golfo de Ácaba. A península da Arábia é na história o local de onde ondas sucessivas de nômades de língua semita se

morte de Maomé a unidade política era desconhecida, exceto por um breve período do século X, quando os carmatas, num forte movimento popular, conseguiram dominar. Em meados do século XVIII, um reformador religioso Maomé Ibn Abd al-Wahab, converteu o emir Maomé Ibn Saud De Dariya, formou um grande exército beduíno para difundir o Waabismo e controlar a Arábia central e oriental. Depois de sua morte a Casa de Saud e o waabismo continuaram a se expandir. Meca rendeu-se em 1802. No começo do século XIX o governo otomano autorizou expedições egípcias contra o império waabita, as quais foram seguidas por um longo período de intrigas, assassínios e rivalidades pessoais. Em 1902 Abd al-Aziz Ibn Saud capturou Riad. Em 1906 controlou o Nejd, e ao começar a Primeira Guerra Mundial havia tomado dos turcos a região oriental. O rei da Arábia Saudita foi proclamado em 1932. A população descende em grande parte de tribos árabes indígenas com alguma mistura de sangue negro dos escravos da África. Um pequeno número de iranianos habita as cidades costeiras ao longo do golfo Pérsico. Do ponto de vista religioso a maioria da população é muçulmana sunita nahabita. Cerca de 100.000 seguem a crença xiita. A população móvel divide-se em grupos autônomos muitas vezes hostis. A sua vida é extremamente simples. A grande riqueza do país reside nas jazidas de petróleo. Numerosos poços estão em exploração, situando-se as regiões petrolíferas em Al Hasa, nas costas do golfo Pérsico. A exploração desta riqueza natural, iniciada antes da Segunda Guerra Mundial, tem contribuído para modificar a Arábia no ponto de vista dos gêneros e no nível de vida e até na estrutura social. Toda a Arábia entrou já há alguns anos numa fase de progresso, assistindo-se por toda parte a grandes transformações. Possui Governo monárquico, com todos os poderes, tendo sido criado, em 1953, um Conselho de Ministros responsável exclusivamente perante o rei. É uma teocracia muçulmana com diversas seitas. A ortodoxia sunita domina sob as suas diversas formas. São também numerosos os ismaelitas, que se encontram, sobretudo no Centro e no Norte. A Arábia Saudita possui cidades santas no Hedjaz (Meca e Medina) onde viveu e pregou Maomé. Todos os anos centenas e milhares de muçulmanos de toda a origem para lá se dirigem, constituindo o peregrino (hajji) uma fonte de riqueza para a Arábia Saudita. O clã al-Saud e os descendentes do reformador religioso ainda governam juntos, embora as conquistas e o petróleo tenham tornado os governantes seculares mais ricos e poderosos e indubitavelmente lhes tenham dado mais peso que aos herdeiros de Abd al-Wahab. Mas a família reinante saudita jamais cortou seus laços com os líderes espirituais de sua crença religiosa, cultivando-os tão cuidadosamente e deliberadamente como convém às suas raízes beduínas. Além disso os sunitas da Arábia diferem marcadamente dos muçulmanos xiitas do Irã. É parte integrante da tradição sunita trabalhar estreitamente com o poder dirigente (qualquer que seja), enquanto os xiitas têm tradição de rebelião e contestação contra a autoridade reinante. O governo secular árabe geralmente usa e remunera os principais dignitários sunitas, os muftis, os diretores das principais escolas e os líderes das mesquitas. Ao contrário, os líderes religiosos xiitas vivem da contribuição do povo, e também repassam estes fundos para os pobres, sendo portanto altamente dependentes da confiança popular. O título xiita Aya-Tollah, atribuído por aclamação popular, é a expressão desta confiança. 85% da população são muçulmanos sunitas e os outros 15% são xiitas. Na Arábia Saudita o número de árabes cristãos é relativamente pequeno, tendo influência restrita na vida social do país. Existem milhares de cristãos maronitas que possuem o seu patriarcado em Beirute, capital do Líbano. Veja também: BEDUÍNOS.

Dicionário Enciclopédico das Religiões.